



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

História natural e intenção alegórica*

Eduardo Soares Neves Silva¹

Resumen:

A apresentação tem por objeto a Origem do Drama Barroco Alemão, de Walter Benjamin, e dois textos produzidos no início dos anos 30 por Theodor W. Adorno, “A atualidade da filosofia” e “A idéia de história natural”. O objetivo é investigar como a concepção benjaminiana da alegoria, particularmente em sua relação com a história, dá margem à uma ressignificação por Adorno de uma concepção da natureza que ele herda de Lukács, formalizada na tese da “natureza como história petrificada”. Esse passo permite entender por que, para Adorno, o que Lukács faz a partir da “infinita distância” da escatologia é o mesmo que faz Benjamin sob a forma de uma “infinita proximidade”.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, esnsilva@terra.com.br



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria*.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

História natural e intenção alegórica*

O que farei nessa curta apresentação, radicalmente entendida como esboço, é investigar como a concepção benjaminiana de alegoria, particularmente em sua relação com a história, dá margem à ressignificação por Adorno de uma concepção da natureza que ele herda de Lukács, formalizada na tese da “natureza como história petrificada”. Para estabelecer a mediação entre esses três autores, bem como entre suas distintas questões, eu tomarei uma categoria que, conforme pretendo demonstrar, alude a um ponto de fuga comum, para o qual converge alguns de seus textos produzidos no entorno dos anos 20, a saber, a *Teoria do Romance* (1916), de Lukács, a *Origem do Drama Barroco Alemão* (1925), de Benjamin, e os ensaios “A atualidade da filosofia” (1931) e “A idéia de história natural” (1932), de Adorno. Tal categoria é, justamente, história natural.

Tomar a idéia de história natural como categoria de mediação sugere imediatamente um problema, que já se deixa ver na expressão “história natural”. Com efeito, esse termo composto parece remeter a algo como uma *história* da natureza, o que implicaria um estudo que tomasse a natureza como processo e, nessa exata medida, como objeto das ciências, o que já não é pouco problema porque a idéia daí tantas vezes derivada, a de evolução, sofreu ataques tanto no campo das ciências humanas como, mais recentemente,

*Texto preparado para o *III Seminario Internacional Políticas de la Memoria “Recordando a Walter*

Benjamin: Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria”. Buenos Aires, 28, 29 y 30 de outubro de 2010. Mesa Temática N° 42. Walter Benjamin: História, Alegoria e Crítica da Cultura.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

no campo das ciências naturais. Aliás, que esses ataques venham de pólos diametralmente opostos, ou seja, que o ataque ao princípio evolutivo nas ciências naturais venha fundamentalmente do mesmo lugar que, há cem anos, provinha uma defesa da evolução enquanto modelo nas ciências humanas, esse também não é um problema sem interesse. Porém, o problema implícito na idéia de “história natural” a que vou me dirigir é ainda outro, na verdade, o mais intrincado deles: se a ênfase cai em *natural*, o termo parece implicar que a história, isso aí que vivemos, nós, seres humanos, é natureza. Isto é, esse termo parece dizer que não apenas *nós* somos seres naturais, como nossa *história* é, não há como dizer de outro modo, *natural*. O que gera o estranhamento é o desafio à impressão que os homens têm de si mesmo: “somos autônomos, não estamos aí simplesmente, como as samambaias e os macucos; nós fazemos nossa vida a cada dia e sempre podemos fazê-la diferente, não há nada de natural nela; racionais que somos, nós fazemos nossa história, se preciso for, até mesmo contra a natureza.” Essa impressão nos conduz a ponderar: “como assim, ‘história natural’? O que existe é a gloriosa história humana e o miserável ramerrame natural. A natureza tem mais é que estar feliz porque a tiramos de sua inércia improdutiva.” Note-se, de passagem, que entre o estranhamento ao problema e essa reação usual compreende-se o que alguém poderia chamar de dilema ecológico: é na antítese expressa acima que ele se radica e se move.

[...]

E assim chegamos ao nosso ponto. A tarefa a que Adorno se lança entre 1932, ano em que escreve “A idéia de história natural”, e 1969, ano de sua morte, não é outra que superar dialeticamente a antítese entre natureza e história, buscar o que ele chama de



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. **Escrituras de la Memoria.**

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

reconciliação. A compreensão do sentido de tal reconciliação e sua dependência para com



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

o problema epistemológico da relação entre sujeito e objeto será o tema a que me dedicarei mais à frente. Por ora, farei uma brevíssima apresentação de outra antítese, com resultados igualmente drásticos, que podemos localizar no interior do pensamento contemporâneo sobre o dilema em questão.

[...]

O conceito de natureza em jogo é próximo do conceito de mito, mas já vale adiantar que se refere ao que subjaz como destino predeterminado na história humana, e nela aparece como substancial.

O conceito de história em jogo implica o modo de conduta dos homens tradicionalmente determinado, que tem como característica principal que nela aparece o qualitativamente novo – seu movimento não é o da pura identidade, da pura reprodução do que sempre foi, mas o que ganha seu caráter a medida que nele aparece o novo.

Problema: como se relacionam natureza e história, assim caracterizados?

O que está em jogo é ainda daí a forma tautológica – o tema idealista da identidade entre sujeito e objeto.

Além desses passos metodológicos, resta a tarefa geral de reconciliar natureza e história, o que, segundo Adorno, implica poder pensar o ser histórico em sua determinação histórica extrema como ser natural e/ou captar a natureza como história justamente onde ela mais parece natural.

Não se trata aqui de entender a história como natureza (via historicidade), mas de transformar o encadeamento de eventos intra-históricos em um encadeamento de eventos



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. **Escrituras de la Memoria.**

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

naturais. A continuação do argumento reaproxima Adorno do problema da história



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

natural: Não se trata de buscar um ser puro subjacente ao ser histórico, mas de pensar este último, ontologicamente, como ser natural.

Já se introduz o problema da reconciliação com a natureza explicitamente: o ser histórico em questão, que deve ser re-compreendido como ser natural é sobretudo o próprio homem, que por força da ratio se alienou da natureza entendida como ontologia.

[...]

O conceito de história natural, que remete a uma concepção histórica da natureza, “nasce” através da análise filosófica do material estético.

Em Lukács, esse conceito está articulado ao conceito de segunda natureza.

Esse conceito tem como marco o esforço de expressar/apresentar, na imagem distintiva ‘mundo com sentido’ / ‘mundo sem sentido’, o que viria a ser esse mundo alienado, isto é, não-imediato, que é o mundo das mercadorias.

O nome que Lukács dá a esse mundo de coisas criado pelo homem e perdido para ele (alienado e sem sentido) é: mundo da convenção.

Na situação de alienação, a alma não pode se guiar porque essas imagens não têm mais raízes no vir-a-ser (afinal trata-se de uma situação sem fins imediatos)

Seja como for, “elas” formam o mundo da convenção.

Um mundo onipresente e múltiplo cuja legalidade é auto-evidente para o sujeito cognoscente e cujo poder só deixa intacto o recesso mais íntimo da alma.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

No entanto, tal mundo em sua legalidade nem oferece sentido para um sujeito que procura um fim, nem oferece imediatidade como material para o sujeito agente.

Continua Lukács,

esse mundo é o da segunda natureza e só pode ser definido como o conjunto de necessidades conhecidas – de cujo sentido estamos porém alienados e portanto não podemos compreender em sua substância.

Adorno retoma a exposição do problema afirmando:

o mundo da convenção é historicamente produzido, portanto o natural é histórico
as coisas não podem ser decodificadas e nos aparecem como cifras;
é esse o ponto de partida que nos leva ao problema da história natural (sob a filosofia da história): como interpretar esse mundo reificado.

“Lukács já havia percebido esse problema na sua estranheza e no seu caráter de enigma”

Adorno argumenta que a história natural, como método, não é a soma dos métodos histórico e natural, mas uma mudança de perspectiva.

Na citação de Lukács que se segue, Adorno procura fazer com que a posição desse se aproxime à sua: enquanto a poesia lírica buscava um elemento simbólico e sensível na natureza primeira, a segunda natureza não pode ser trazida à vida senão por um ato metafísico: a ressucitação. Isso porque sua estrutura não é de um outro (mudo) da



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

sensibilidade, mas o de um complexo petrificado: um ossuário (*schädelstätte*) de interioridade podres.

A conclusão de Lukács (e de Adorno) de que a natureza é história petrificada (*erstarre Geschichte*) ou entorpecida. Em outros termos, a natureza viva petrificada é fruto do desenvolvimento histórico, o que conduz ao problema do ossuário como cifra.

Há algo significado, mas esse algo só se deixa formular nos termos de uma ressurreição, num horizonte escatológico.

Daí, o tema da escatologia envolvida em uma ressurreição teológica traz à tona a contribuição de Benjamin, que Adorno respeita como decisiva: se Lukács ao pensar tal questão o faz na “infinita distancia” da escatologia, Benjamin o retoma sob a forma de uma “infinita proximidade”, a saber, entendendo a tarefa de ressurreição da segunda natureza como objeto filosófico. À medida que a filosofia é capaz de aprender o motivo do “despertar” do que é cifra/petrificado ela consegue tratar o tema da história natural com mais rigor.

Adorno, então, cita duas passagens da *Origem do Drama Barroco Alemão* que seriam próximos à compreensão do problema por Lukács.

Na primeira, Benjamin alude ao fato dos poetas alegóricos reconhecerem a história na eterna transitoriedade da natureza. Na segunda, Benjamin acentua que no drama barroco a história é uma escrita a ser lida: “no semblante da natureza está escrito ‘História’ na



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

escrita simbólica do transitório”.

Adorno nota que à parte essa diferença, os dois autores empregam os temas transitório e transitoriedade, e conclui: o ponto de convergência mais profundo entre história e natureza está precisamente no elemento do transitório. Enquanto Lukács demonstrou a transformação da história enquanto devir em natureza, Benjamin mostra o outro lado do fenômeno: a própria natureza se apresenta como natureza transitória, isto é, como história.

Embora a história nessa configuração não tenha a liberdade simbólica da expressão e além, falte a ela tudo o que é humano, é possível dizer que ela enuncia (*spricht*) tanto a natureza da existência humana em geral, como a historicidade biológica de um indivíduo – ou seja, na figura da sua mais significativa subjugação à natureza, a história se enuncia na forma de um enigma.

1º passo: a natureza por ser criação [*Schöpfung*] é em si transitória, traz a marca da transitoriedade, portanto inclui a história

2º passo: assim todo elemento histórico também remete ao elemento natural

3º-5º passo: também sempre que há “segunda natureza”, isto é, o mundo da convenção, ele pode ser decifrado como tendo o elemento do transitório, que é justamente seu significado.

6º-7º passo: daí, a transitoriedade aparece em primeiro plano: todo ser terreno, todo ente se dá somente como cruzamento do histórico e do natural.

8º-9º passo: significação, assim, implica em dizer que os elementos da história e da natureza não se desdobram um no outro, mas se cruzam e se refletem de modo



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

que o natural aparece como sinal do histórico e a história, no que mais é histórico, aparece como sinal da natureza.

10º passo: a significação é o procedimento de resgate, via alegoria, ou melhor, via decifração do conteúdo alegórico, da proto-história encerrada no histórico.

11º passo: daí, há na relação alegórica a noção de um procedimento capaz de interpretar a história concreta como natureza e de tornar a natureza em dialética, sob a prisma da história.

12º passo: a realização disso é a idéia da história natural

[...]

Expondo o cerne da idéia da história-natural, cumpre desenvolver (no sentido do último passo) seu sentido:

Para Adorno, a imagem do ossuário funciona como veículo para compreensão do que está em jogo.

o sentido pretendido por Adorno remete à idéia de história-natural: tratar-se-ia de capturar a historicidade, a facticidade histórica, como natural-histórica.

Adorno faz então uma importante ressalva e procura mostrar o que não deve ser entendido no projeto de uma história natural:

não se trata de um encantamento da história

não se trata de confundir história com natureza ou com proto-história

não se trata de entender que o histórico é significativo por ser alegórico

em suma não se trata de dissolver um elemento no outro



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Assim, cabe mostrar como não fazê-lo, isto é, como não cair na indiferenciação “em que todos os gatos são pardos”. Enfim, cabe indicar qual é a história natural como tarefa filosófica.

O primeiro passo nessa concepção é reconhecer a história como descontínua, não apenas fatos descontínuos, mas ela mesma estruturalmente descontínua. Ou seja, Adorno contradiz a unicidade da história. Mais: a idéia de história parte mesmo da consideração de sua contraditoriedade fundamental: entre o mítico/arcaico que “sempre foi” – a sua face material – e o enfaticamente novo – a sua fase transitória. Logo, para chegar à história natural sem antecipar sua unidade (isto é, evitando a dissolução da história na natureza e vice-versa) é preciso manter essas outras duas estruturas – o que sempre foi e o que é novo – como distintas, problemáticas e contraditórias entre si (à medida que ambas são históricas).

Porém, segundo Adorno, essa dinâmica em que há passagem pelos contrários é também presente no elemento transitório: o novo, dialeticamente produzido, se apresenta na história como arcaico, como mítico.

O modo de explicar esse outro termo da equação parte do conceito de “aparência” (*schein*), entendida como segunda natureza: a segunda natureza é uma natureza da aparência – nela, porém, a aparência é historicamente produzida. A segunda natureza é ilusória porque embora a realidade esteja perdida para nós, pensamos compreendê-la totalmente nesse seu estado eviscerado que é a segunda natureza. Atribuímos significados a essa realidade estranha por meio de intencionalidade subjetiva, como fazemos com a alegoria.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. **Escrituras de la Memoria.**

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

A conclusão lapida a hipótese: os elementos historicamente produzidos da aparência são sempre míticos – não apenas porque todo elemento ilusório na arte tem origem mítica, mas também porque o caráter mítico retorna nos fenômenos históricos da aparência.

Adorno faz uma passagem muito crítica, em que parece traçar o seguinte paralelo: do mesmo modo que a promessa de felicidade da arte não acompanha as obras emocionais, a promessa de reconciliação não aparece no mundo com sentido, isto é, ela se dá quando o mundo está protegido do sentido, isto é, quando ele aparece como enigma.

Logo, conclui Adorno:

A segunda natureza (a convenção) é na verdade a primeira natureza (só que, por força da alienação, reprimida).